

Análise da Influência dos Fatores Emocionais no Processo de exclusão dos Meninos do Sistema Educacional em Turmas de 5^{as} Séries

Evelyn Rosana Cardoso¹

Ana Maria Teresa Benevides-Pereira²

Valdeni Soliani Franco³

Resumo

Este artigo apresenta um projeto de tese que pretende analisar a influência dos aspectos afetivos no processo de exclusão dos meninos em turmas de quintas séries do sistema educacional público brasileiro. As estatísticas educacionais apontam que a evasão e reprovação dos alunos do gênero masculino são proporcionalmente superiores às do gênero feminino em todas as séries da Educação Básica. A opção por desenvolver a pesquisa com as quintas séries fundamenta-se nos índices de insucesso histórico dos alunos neste período escolar. As questões afetivas podem estar contribuindo para elevar estes índices, visto que estes fatores ainda não são considerados relevantes para o ensino e aprendizagem. A proposta deste estudo é examinar os dados relativos às reprovações e evasões que ocorreram em uma escola pública paranaense nos últimos três anos, analisar as consequências destes fatos para a vida escolar dos estudantes com dados obtidos por meio da análise dos históricos escolares e de entrevistas com 20% destes sujeitos.

Palavras-chave: Aspectos afetivos, Gênero masculino, Fracasso escolar.

Introdução

As estatísticas do MEC-INEP⁴ e IBGE apontam que quase todas as crianças e adolescentes na idade escolar estão incluídos no sistema educacional. Em 2000, nas escolas brasileiras estavam matriculados 96,4% dos indivíduos de 7 a 14 anos. No entanto o acesso à escola, não significa permanência e aprendizagem, são muitos os casos nos quais os

¹ Professora da Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: prof_evelyn@hotmail.com

² Professora do Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: anamariabenevides@hotmail.com

³ Professor do Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e do Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da UEM. E-mail: vsfranco@uem.br

⁴Os índices apresentados neste trabalho são os mais recentes disponibilizados no site do MEC-INEP.

estudantes não se sentem parte integrante deste sistema e optam por abandonar o ambiente escolar. Dentre os alunos que permanecem estudando, ainda é alto o percentual de reprovações. Em 2005, no Ensino Fundamental da rede pública este índice foi de 14,1% (EDUDATABRASIL, 2010).

Muitos fatores podem ser elencados para justificar o fracasso da escola diante destes alunos, tais como salas de aulas com número excessivo de alunos, falta de materiais didáticos, formação inicial e continuada deficiente de professores, questões sociais, problemas familiares, desinteresse por parte do aluno, entre outros. Entretanto, responsabilizar a própria vítima não nos permitirá avançar na solução deste problema. Casassus (2002, p. 141) afirma que os fatos que acontecem dentro das escolas “tem uma influência maior nos resultados dos alunos do que o que ocorre fora delas, o que atenua o impacto do contexto”.

O fracasso do ensino pode estar relacionado à inaptidão de uma parte dos professores para lidar com questões emocionais

[...] porque o término da Universidade e outras exigências para o ensino estão mais baseados nas características cognitivas do que nas afetivas. Entretanto, as diferenças afetivas entre professores são provavelmente mais importantes na determinação do sucesso do ensino do que as diferenças cognitivas (KLAUSMEIER; GOODWIN, 1977, p. 202).

Constatação esta corroborada por Casassus (2009, p. 207), ao afirmar que o “papel docente foi concebido eminentemente em termos cognitivos e valorativos, sem que fosse contemplada a dimensão emocional das relações humanas”. Porém aos profissionais do ensino a sensibilidade emocional é uma característica necessária para o trabalho, visto que envolvem relações com os outros.

Morales (2006) afirma que os efeitos desejáveis e indesejáveis mobilizados pelos professores nos alunos dependem, na maioria das vezes, da relação estabelecida entre ambos. Diante da importância destas relações e a forma que ainda são ignoradas no ambiente escolar, este pode ser um fator que ajuda a compreender o insucesso escolar, principalmente dos meninos.

As informações disponibilizadas pelo Sistema de Estatísticas Educacionais sobre o acesso e participação do gênero feminino no período de 1999 a 2006, mostram que a presença das mulheres é gradativamente elevada juntamente com a série e o grau de ensino. Em 2006, até a 4ª série do Ensino Fundamental o número de estudantes do gênero feminino correspondia a 47,3% do total de alunos, de 5ª a 8ª série o percentual deste

gênero era de 50,2% e no Ensino Médio atingiu 54,2%. Os índices dos anos anteriores são similares (EDUDATABRASIL, 2010).

Os percentuais de concluintes por gênero também indicam que o sistema educacional tem fracassado mais com os meninos. Em 2005, por exemplo, o percentual de meninas que frequentavam o Ensino Fundamental nas escolas públicas do nosso país era de 48,8%. No mesmo ano, as mulheres correspondem a 54,73% do total de alunos que concluíram o Ensino Fundamental. A maior aprovação das meninas também foi observada no Ensino Médio, o atendimento era de 54,2% e a taxa de aprovação do gênero feminino corresponde a 58,23% do total de alunos concluintes.

Estes dados mostram que existe um processo de abandono e reprovação mais intenso relacionado aos estudantes do sexo masculino e que precisa ser analisado.

Alguns estudos já abordaram o problema, tal como Carvalho (2004) que discutiu o fracasso escolar dos meninos negros. A autora verificou que o sistema educacional não está atingindo seus objetivos diante de um grupo expressivo de jovens, principalmente do gênero masculino e, para compreender este fenômeno, se faz necessário novos estudos cujas abordagens não se limitem a enfatizar diferenças intelectuais entre gêneros ou classes sociais, mas pesquisas que analisem as interações entre professores e alunos.

Silva *et al* (1999) desenvolveram um estudo com professores para tentar compreender as diferenças no desempenho escolar das meninas e dos meninos. Segundo estes pesquisadores, a presença majoritária das mulheres no exercício do magistério contribui com esta discrepância.

Brito (2006) também realizou uma pesquisa para compreender os motivos destas diferenças e não concorda que os meninos são prejudicados por frequentarem uma escola com profissionais predominantemente femininos e diz que outros aspectos precisam ser desvendados.

O menor percentual de alunos do gênero masculino concluintes pode ser observado em todas as séries, no entanto na quinta série a diferença entre gêneros se mostra mais acentuada.

A quinta série figura entre os anos escolares que apresentam os maiores índices de reprovação da educação básica (EDUDATABRASIL, 2010). A retenção é justificada pela escola como um aspecto positivo para o aluno, pois terá oportunidades de aprender mais, consolidar os conhecimentos e se tornar mais responsável se refizer a série. No entanto, se observa que no ano seguinte estes alunos são tratados da mesma forma pela escola e a

[...] repetição do insucesso leva estes alunos a tornarem-se inseguros, instáveis, ansiosos, com sentimentos de inferioridade e baixa-estima. O fracasso contínuo leva também a sentimentos de exclusão, de rejeição e abandono que, quando associados a maiores expectativas, pode conduzir à resistência, a fobias e a fugas diante das atividades educacionais (CAMARGO, 2004, p. 130-131).

Fernández (1995) relata que o menor índice de aprovação dos meninos não é um problema exclusivo do Brasil, mas mundial. Este fato pode ser observado nas estatísticas educacionais e em consultórios de psicopedagogos, nos quais geralmente, em um grupo de dez alunos conduzidos para tratamento, sete ou oito são meninos.

O encaminhamento de maior número de meninos para tratamento psicopedagógico, índices de reprovação e evasão dos meninos superiores aos das meninas, pode ser influenciado por diversos fatores, dentre os quais a visão do educador sobre o que considera um bom aprendiz. Fernández (1995, p. 173) relata que “nós, professores, e mais ainda as professoras, temos um modelo inconsciente de aluno que aprende”, neste modelo estão inclusos a submissão e a obediência do estudante.

Este estereótipo de aluno que aprende é mais aceito pelas meninas, pois

[...] há uma concordância entre o modelo feminino tradicional e aquele que a escola propõe. Pelo contrário, o modelo masculino que a sociedade impõe como ideal é o oposto àquele exaltado pela escola. (FERNÁNDEZ, 2006, p. 123).

Diante destes fatos, uma parcela dos meninos pode apresentar recusas em aprender, ao contrário de dificuldades ou impossibilidades, e construindo problemas reativos de aprendizagem, pois não apresentam o padrão de comportamento almejado pelos educadores.

Bom aluno no ambiente escolar, geralmente, é o que consegue sufocar e omitir suas emoções, por isso segundo Camargo (2004) uma das principais tarefas dos professores tem sido ensinar as crianças a reprimir suas emoções para apresentar o “comportamento” esperado pela escola.

Além das emoções os movimentos também são reprimidos no ambiente escolar. Galvão (1995, p. 110) assevera que “segundo uma visão academicista, considera-se que a criança só aprende se estiver parada, sentada e concentrada”. Entretanto, a autora ressalta que “sendo o movimento fator implicado ativamente no funcionamento intelectual, a imposição de imobilidade por parte da escola pode ter efeito contrário sobre a aprendizagem, funcionando como um obstáculo” (GALVÃO, 1995, p. 110).

Dal Vesco (2002), ao estudar as fontes de estresse nos estudantes, observou que comumente para o professor até mesmo o diálogo dos alunos é caracterizado como indisciplina e o silêncio interpretado como atenção e conseqüente aprendizado. No entanto

Galvão (1995) enfatiza que a criança pode estar na posição desejada pela escola, mas sem estar prestando atenção nas atividades propostas pelo professor, por isso precisamos

[...] deixar de olhar o movimento somente como transgressão e fonte de transtornos, buscando enxergar nele sua multiplicidade de dimensões e significados. É preciso, enfim, olhar a criança como ser concreto e corpóreo, uma pessoa completa (GALVÃO, 1995, p. 111-112).

Os alunos percebem a importância de apresentar o “bom comportamento” no início da vida escolar. Lerner de Zunino (1995) verificou que as crianças já nas séries iniciais sabem que a avaliação escolar está baseada na aprendizagem e no comportamento.

O sistema de avaliação escolar

[...] ao invés de se valorar a criatividade, dinamismo, interesse, iniciativa, atributos que são importantes não apenas para o desenvolvimento de habilidades necessárias para entendimento do conhecimento científico, mas também importantes no contexto social em que vivemos, as(os) alunas(os) são premiadas(os) ou punidas(os) pelo capricho, senso de ordem ou pela obediência (MORO, 2001, p. 81).

Os professores desejam que as crianças para desenvolver a maioria das atividades propostas “fiquem sentadas, paradas e com a atenção concentrada num único foco” (GALVÃO, 1995, p. 105). No entanto, estas exigências geralmente são superiores as possibilidades dos alunos e a “imposição de imobilidade por parte da escola pode ter efeito contrário sobre a aprendizagem, funcionando como um obstáculo” (GALVÃO, 1995, p. 110).

Nos casos em que a escola obtém sucesso na repressão, Korczak (1983, p. 203) lamenta, pois “devemos ter pena das crianças que conseguiram matar seu sentimento de insubmissão. São essas rebeliões e essas queixas que nos permitem penetrar nos mistérios da alma infantil”.

Dotti (1995) ressalta que historicamente o fracasso escolar foi atribuído ao estudante e a família, mas responsabilizar a própria vítima não resolve o problema. Schiliemann, Carraher e Carraher (1991, p. 21) afirmam que “os educadores, todos nós, precisamos não encontrar os culpados, mas encontrar formas eficientes de ensino e aprendizagem em nossa sociedade”, isto é devemos buscar formas de ensino que contemplem e absorvam a diversidade que está presente em todas as salas de aulas, pois não há salas de aulas homogêneas.

Para tanto a escola precisa enxergar que o aluno é um ser humano integral, tal como descreve Maturana (1998), composto do entrelaçamento do emocional com o racional e cujas ações têm um fundamento emocional. As fundamentações emocionais em

argumentos racionais são condições de possibilidades e não de limitações do humano, pois “não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção” (MATURANA, p. 23, 1998).

Wadsworth (1992, p. 23) diz que o “aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará”.

Jean Piaget, autor frequentemente referenciado por seus trabalhos na área da educação no que se refere ao desenvolvimento da cognição, também enfatizou a relevância dos aspectos afetivos no ensino (PIAGET, 2005; PIAGET, 2006; PIAGET & INHELDER, 2007). Para este pesquisador

Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo (senso-motor ou racional). Nunca há ação puramente intelectual [...], assim como também não há atos puramente afetivos (o amor supõe compreensão) (PIAGET, 2006, p. 36).

Desta forma, o ambiente escolar não pode minimizar a importância dos aspectos emocionais no ensino e aprendizagem para não se tornar excludente. Nunes (2009, p. 17) ressalta que “precisamos aprender a pensar que caminhando junto ao desenvolvimento físico, intelectual e social de todo ser humano, estarão ali também emoções, exercendo influência sobre todo este processo”.

Gómez Chacón (2003) destacou a importância das emoções no ensino de Matemática, que podem tanto facilitar como dificultar a aprendizagem. Este aspecto pode ser mais incisivo nesta disciplina pelas suas características peculiares, mas também é válido para todas as disciplinas escolares.

A escola precisa valorizar e respeitar a diversidade de expressão das emoções e usufruir das diferenças. Geralmente quando a dinâmica emocional de uma criança “não coincide com a nossa, nós a relegamos, a negamos [...], porque seu interesse, sua paixão, está em outra parte” (MATURANA, 2001, p. 109).

É importante ressaltar que os dados do Sistema de Estatísticas Educacionais (Edudatabrasil, 2010) foram utilizados para justificar o estudo que se pretende desenvolver, todavia, os números não revelam toda complexidade dos problemas do sistema escolar.

Nas escolas públicas paranaenses a aprovação dos alunos é estimulada e desta forma, procura-se diminuir os índices de reprovação. Portanto os problemas enfrentados pelos meninos no ambiente escolar podem ser mais abrangentes do que os evidenciados

pelas estatísticas educacionais. O comportamento apresentado por eles, que muitas vezes não corresponde ao esperado pelo professor, é fonte de constantes conflitos dentro do ambiente escolar, fato que pode ser comprovado nos livros de ocorrências das equipes pedagógicas.

Objetivos

Objetivo Geral

Verificar a probabilidade da influência de fatores afetivos no processo de exclusão de meninos do sistema escolar, mais especificamente nas 5^{as} séries do Ensino Fundamental.

Objetivos Específicos

- Analisar as consequências da reprovação e evasão dos alunos desistentes para a sua vida escolar.
- Observar se o número de reprovação e evasão dos meninos permanece diferenciada e mais acentuada do que o número de reprovação das meninas.
- Identificar e analisar os possíveis fatores que podem determinar com mais intensidade a exclusão dos meninos do sistema educacional nas turmas de 5^{as} séries.
- Verificar se a Matemática é de fato a disciplina mais seletiva do sistema educacional e a contribuição desta disciplina para o insucesso dos meninos.
- Analisar por meio dos relatos de vida escolar dos próprios estudantes excluídos, se o “fracasso escolar” foi resultante mais dos aspectos cognitivos ou dos aspectos emocionais.
- Comparar os fatores que levam os alunos do sexo masculino a reprovar e evadir com os fatores dos alunos do sexo feminino.
- Evidenciar a importância dos aspectos afetivos no ensino.

Justificativas

O acesso a Educação Básica no Brasil está garantido a quase toda população na idade escolar. Segundo dados do MEC/INEP e IBGE, no ano de 2000 a taxa de atendimento escolar, incluindo escolas públicas e privadas, era de 96,4% para os indivíduos de 7 a 14 anos e 83% para a faixa etária de 15 a 17 anos.

No entanto, o acesso não é garantia de permanência e aprendizagem, uma vez que as estatísticas do MEC/INEP mostram que o abandono e reprovação estão presentes em

todas as séries da Educação Básica. Em 2005, os índices de aprovação nas escolas públicas brasileiras foram de 80% até a 4ª série, 75% de 5ª a 8ª séries e de 70,6% no Ensino Médio. Na análise dos índices de rendimento escolar, verifica-se que o sistema escolar fracassa com um número significativo de crianças e jovens de ambos os gêneros, porém com mais intensidade na população masculina.

Na década de 1970, a taxa de analfabetismo das pessoas com quinze anos de idade ou mais era de 36% entre o gênero feminino e 29,8% entre o gênero masculino. No período de três décadas assistimos a uma inversão destas posições: em 2000 o índice feminino de analfabetismo caiu para 13,5%, ficando abaixo do índice masculino que era de 13,8%.

Pesquisas cujos objetivos se centram no exame das implicações afetivas no processo de exclusão no ensino precisam ser realizadas e divulgadas, pois as investigações efetuadas até então, focadas nos aspectos cognitivos ou sociais, não tem dado respaldo suficiente para explicar os elevados níveis de desistências do processo escolar, em especial no gênero masculino.

As opiniões dos docentes a respeito do aluno, bem como as notas obtidas nas avaliações escolares, muitas vezes acabam sendo incorporadas pelo estudante. Este, por sua vez passa a acreditar que não está apto para aprender os conteúdos escolares.

Neste processo de exclusão e delimitação da capacidade intelectual dos alunos pela escola, indivíduos com potencial de aprendizagem até mesmo extraordinário podem estar sendo perdidos pela sociedade, principalmente os do gênero masculino, porque seu perfil de comportamento dentro da sala de aula não é condizente com o perfil de bom aluno do ponto de vista do professor.

A questão do fracasso escolar dos meninos é uma situação grave, que precisa ser mais esclarecida e debatida. Silva *et al* (1999) e Moro (2001) alertam para o fato de que muitos professores não percebem tal exclusão na sua prática profissional, assim como os órgãos educacionais que apesar de demonstrar em seus índices estes dados, até o momento pouco fizeram para reverter esta situação.

Esta questão já vem sendo discutida discretamente no Brasil desde o início da década de 90, entretanto os estudos ainda são insuficientes, por isso as informações sobre esta situação são escassas e não estão presentes nos cursos de formação de professores e contempladas nas políticas educacionais (CARVALHO, 2003).

É muito instigante pensar que a escola não dá a devida importância aos aspectos emocionais, pois eles estão presentes no cotidiano dos professores, talvez de forma

inconsciente. Nos conselhos de classe, reuniões pedagógicas e nas salas de professores é frequente a referência ao comportamento de alunos em especial quanto às demonstrações emocionais, enquanto que as potencialidades cognitivas são negligenciadas, ou seja, muitos meninos podem estar sendo reprovados pelas suas expressões emocionais e não por suas capacidades cognitivas.

Dentre as disciplinas escolares, a Matemática é a que mais reprova em todas as séries da Educação Básica e, da forma que é percebida pela sociedade, serve para delimitar uma fronteira entre os indivíduos ‘inteligentes’ e os demais (LOOS; FALCÃO; ACIOLY-RÉGNIER, 2005). Imenes (1989) observou que esta disciplina escolar deixa marcas mais profundas nos estudantes, e as mais difíceis de serem eliminadas. A maioria das pessoas não esquece e faz questão de falar de como foi o seu desempenho em Matemática.

Por estes fatores, a Matemática e o professor desta disciplina pode estar contribuindo de forma mais acentuada com a evasão e a reprovação.

Nesta pesquisa serão analisadas a evasão e reprovação das quintas séries, pois são as turmas que apresentam os menores índices de aprovação. Segundo dados do INEP/MEC no Estado do Paraná em 2005 nas escolas públicas este índice foi de 73,6%, números similares foram registrados nas demais escolas públicas do Brasil.

Metodologia

A pesquisa será composta de duas etapas, a primeira de cunho quantitativo, com objetivo de levantar dados sobre o número de reprovações e evasões nas escolas públicas paranaenses, destacadas por série e gênero. A segunda etapa da pesquisa será de cunho qualitativo, com o objetivo de compreender o fenômeno em profundidade. Estas pesquisas

[...] partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 131).

De acordo com Martins e Bicudo (2005), na pesquisa qualitativa os dados são obtidos com a comunicação entre os sujeitos, e o tratamento dos dados são realizados por meio da interpretação.

Neste estudo, a interpretação das informações será embasada na análise de conteúdo, que corresponde a “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2006, p. 33).

Para o desenvolvimento da segunda etapa da pesquisa será escolhida uma escola pública do estado do Paraná que atendam alunos nas séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Nesta escola será realizada uma análise mais detalhada, observando-se a trajetória escolar de cada um dos alunos evadidos e reprovados nos últimos três anos.

Desta escola, 20% dos alunos do gênero masculino que cursavam quinta série e que reprovaram ou evadiram nos últimos três anos, serão convidados a colaborar com o estudo. Deste modo, fornecendo por meio de entrevistas semi-dirigidas informações sobre os motivos que os levaram a desistir ou ser retido na série, bem como as consequências deste fato para as suas vidas escolares e as influências dos aspectos afetivos na sua trajetória escolar.

A opção pela quinta série deve-se ao fato que é uma das séries que apresentam os maiores índices de reprovação e evasão. A realização da pesquisa em uma escola que também atenda alunos da Educação de jovens e Adultos - EJA tem o objetivo de facilitar a localização do aluno, que após sucessivos abandonos ou reprovações pode ter sido remanejado para uma turma desta modalidade de ensino.

Para facilitar o acesso aos indivíduos que serão convidados a participar do estudo, a pesquisa de campo será realizada em um município com uma população inferior a vinte mil habitantes, pois nestes municípios é mais fácil localizar e ter acesso aos moradores.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2006.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar e meninos. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, v. 36, n. 127, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 set. 2010.

CAMARGO, Denise de. **As emoções & a escola**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a10.pdf>> Acesso em 25 set. 2010.

CARVALHO, Marília Pinto de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, Jun. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Set. 2010.

CASASSUS, Juan. **A escola e a desigualdade**. Tradução Lia Zatz. Brasília: Plano Editora, 2002.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

DAL VESCO, Álida Argenta. **Alfabetização matemática e as fontes de estresse no estudante**. Passo Fundo: UPF, 2002.

DOTTI, Corina. Fracasso escolar e classes populares. In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara. (Orgs). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 21-34.

FERNÁNDEZ, Alicia. Agressividade: qual o teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara. (Orgs). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 168-180.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Tradução de Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GÓMEZ CHACÓN, Inés Maria. **Matemática emocional**: os afetos na aprendizagem Matemática. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IMENES, L. M. **Um estudo sobre o fracasso do ensino e da aprendizagem da matemática**. Dissertação de mestrado, 1989. Universidade Estadual Paulista – UNESP.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Séries Estatísticas e Séries Históricas - IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/subtema.php?idsubtema=102>. Acesso em 22 set. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sistema de estatísticas Educacionais – Edutabasil. Disponível em <<http://www.edutabasil.inep.gov.br>>. Acesso em 22 set. 2010.

KLAUSMEIER, Hebert John; GOODWIN, William. **Manual de psicologia educacional**: aprendizagem e capacidades humanas. Tradução Maria Célia Teixeira Azevedo de Abreu. São Paulo: Harbra, 1977.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Tradução de Sylvia Patricia Nascimento Araujo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LERNER DE ZUNINO, Délia. **A matemática na escola: aqui e agora**. Tradução de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOOS, Helga; FALCÃO, Jorge Tarcisio da Rocha; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. A ansiedade na aprendizagem da Matemática e a passagem da aritmética para a álgebra. In: BRITO, M. F. (Org.). **Psicologia da educação matemática**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 235-261.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. Tradução de Gilmar Saint'Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MORO, Cláudia Cristine. **A questão de gênero no ensino de ciências**. Chapecó: Argos, 2001.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PIAGET, Jean. **Inteligencia y afectividad**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2005.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim, Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PIAGET, Jean INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

SCHLIEMANN, Analúcia Dias. CARRAHER, David William. CARRAHER, Terezinha Nunes. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Cármen A. Duarte *et al.* Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo: n. 107, p. 207-225, jul. 1999. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/obras.asp?autor=SILVA,+CÁRMEN+A.+DUARTE+DA>>. Acesso em 25 set. 2010.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução Esméria Rovai. São Paulo: Pioneira, 1992.